

## O Rio de Janeiro, em 1905, nas crônicas de Carmen Dolores

Risolete Maria Hellmann

Submetido em 11 de setembro de 2013.

Aceito para publicação em 03 de dezembro de 2013.

*Cadernos do IL*, Porto Alegre, n.º 47, dezembro de 2013. p.200 - 217.

---

### POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
- (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
- (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
- (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.

---

### POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>  
Segunda-feira, 23 de dezembro de 2013  
23:59:59

## O RIO DE JANEIRO, EM 1905, NAS CRÔNICAS DE CARMEN DOLORES

Risolete Maria Hellmann<sup>1</sup>

**RESUMO:** *Pensar sobre os lugares – cidade e subúrbio – representados ficcional e jornalisticamente nas crônicas de Carmen Dolores, publicadas na coluna A Semana do Jornal O Paiz, durante o ano de 1905, é o objetivo deste artigo. A transformação da cidade, em face da modernização, e a consciência de divisão de classes antagônicas aparecem em várias crônicas em que ela descreve, de uma perspectiva naturalista, a crueza dos combates, a hipocrisia e a hostilidade entre eles. Para tanto, a autora, com seus sentidos atentos, insere-se na realidade urbana e suburbana do Rio de Janeiro para descrever a vivência das massas na metrópole brasileira em plena belle époque. Ao descrever essas vivências, com precisão de detalhes, assume um tom coloquial de conversa com o leitor, normalmente com um toque de humor e de ironia. No resgate de suas crônicas, é possível restaurar uma parcela significativa da memória e da história desta cidade, que até hoje é cantada pelas suas maravilhas urbanas e denegrada pelas agruras suburbanas. Seus textos, esteticamente trabalhados, são documentos desse momento em que se instauram os contrastes desses dois espaços complementares.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *crônica; Carmen Dolores; cidade; subúrbio.*

As reflexões que apresentamos aqui são resultados parciais de um projeto de pesquisa mais amplo intitulado *Emilia Moncorvo Bandeira de Mello ou Carmen Dolores: uma literata e suas personas*, que ora desenvolvemos. O objetivo deste texto é pensar sobre os lugares – cidade e subúrbio – representados ficcional e jornalisticamente nas crônicas de Carmen Dolores, publicadas na coluna “A Semana” do Jornal *O Paiz*, durante o ano de 1905, no Rio de Janeiro. São lugares onde se desenvolveram vivências de homens e mulheres, assim como experiências (no sentido benjaminiano<sup>2</sup>) da cronista, durante um período de grandes transformações na capital brasileira. Essas experiências apontam para os contrastes próprios da modernidade que se fixa em meio à poeira que polui o ar em função das transformações estruturais da cidade.

A representação da cidade moderna é tema em diversos gêneros literários brasileiros em épocas diversas, como, por exemplo, nos romances de Lima Barreto, de Maria José Silveira, nos contos de João Antonio, nos poemas de Carlos Drummond de

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, professora do Instituto Federal de Santa Catarina – Campus Florianópolis-Continente, mestre pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: risolete@gmail.com.

<sup>2</sup> O conceito de experiência está diluído em vários textos de Walter Benjamin (1989). Para ele, a experiência (*Erfahrung*) não é mais possível para a massa urbana anônima, sempre com pressa, exposta, nas ruas, a uma série de informações, estímulos, barulhos, ruídos, máquinas e propagandas próprias da modernidade. A esses resta a vivência do choque (*Erlebnis*) desencadeada pela urbanização, que causa impressões, mas que não penetra na experiência dos indivíduos. Estudando a obra de Baudelaire, Benjamin reconhece que ele conquistou uma experiência arrebatedora e resistente a partir da sua simples vivência de homem moderno, considerando os choques com que se defrontava como princípio poético e tornando-se um *flâneur*, que observa a cidade, as ruas, os passantes, os edifícios e estes se abrem diante dele como paisagem. Dessa forma, a vivência de Baudelaire tem peso de experiência.

Andrade e de Vinícius de Moraes, nas crônicas de Júlia Lopes de Almeida – para citar apenas alguns. Também nas crônicas de Carmen Dolores, escritora contemporânea de Júlia Lopes, as imagens da vida urbana, bem como as imagens das agruras da vida suburbana, saltam aos olhos do leitor que percorre a coluna dos jornais de 1905.

Como afirma Loretto (1998, p. 7), na apresentação do livro *Carmen Dolores: crônicas, 1905-1910*, organizado por Eliane Vasconcellos:

Da leitura do que Carmen Dolores escreveu sente-se renascida uma época aparentemente morta, e o que surpreende é a circunstância dos escritos, distanciados no tempo quase cem anos, serem atuais, a cogitarem ainda assuntos que dizem respeito a nossas preocupações cotidianas [...]

Carmen Dolores retrata o dia a dia da população desta Cidade do Rio de Janeiro, com brilho literário igual, ou superior, ao que escrevem os cronistas atuais.

Ler seus trabalhos é participar de um milagre. É retorno milagroso no tempo, mas simultaneamente é compreender como os sentimentos do ser humano, em qualquer época, são idênticos.

Carmen Dolores, pseudônimo mais conhecido de Emília Moncorvo Bandeira de Melo (1852-1910), além de cronista de periódicos da capital brasileira do primeiro momento pós-Proclamação da República, foi romancista, contista, crítica literária, dramaturga e conferencista. Apesar de sua obra não se resumir às crônicas e também em seu romance *A Luta*, bem como em alguns de seus contos, as imagens da cidade moderna e do subúrbio podem ser fonte de análise. Neste artigo, vamos nos ater apenas à sua obra publicada em periódicos, mais especificamente no Jornal *O Paiz*, em que ela assinou a coluna “A Semana” durante os anos de 1905 a 1910, chegando a publicar quase 300 crônicas que, na sua grande maioria, ainda permanecem somente nas folhas dos jornais hoje raros. Essa coluna teve lugar de destaque, pois ocupava o lado esquerdo da primeira página dos jornais dominicais, o que não era comum naquele contexto onde a produção de autoria feminina encontrava grandes dificuldades de acesso à voz pública.

## 1. Carmen Dolores e a prática literária e jornalística de autoria feminina

De acordo com as pesquisas desenvolvidas por Duarte (2003, p. 156) sobre a inserção da perspectiva feminista na prática literária e jornalística das escritoras brasileiras, as que se situaram no século XIX e início do século XX, apesar de sofrerem as consequências dos preconceitos relativos ao feminismo, alcançaram vitórias, “principalmente pelo espantoso número de jornais e revistas de feição nitidamente feminista, editados no Rio de Janeiro e em outros pontos do país”. Entre as fundadoras de jornais femininos a autora aponta Francisca Senhorina, com o periódico *O sexo feminino*; Amélia Carolina da Silva Couto, editora do *Echo das damas*; Josefina Álvares de Azevedo, com *A família*; as irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro, com *O corimbo*, de Porto Alegre; a Presciliana Duarte de Almeida, com Revista *A mensageira*, entre várias outras. Em cada um desses jornais escritos por mulheres e direcionados a um público leitor feminino, um número considerável de outras escritoras ousava publicar seus poemas, contos, “receitas” de comportamento dentro desse movimento de modernização das cidades brasileiras.

Carmen Dolores, no entanto, mais próxima da forma de tornar sua voz pública utilizada por Júlia Lopes de Almeida, Maria Benedita Bormann (Délia) e Corina Coaracy, as quais escreviam crônicas e contos para a chamada “grande imprensa”,

diferencia-se das outras escritoras e jornalistas dos periódicos femininos, tanto no veículo de comunicação em que conquistou seu espaço, não sem enfrentar preconceitos de gênero, quanto nas temáticas abordadas nos jornais, no tom polêmico com que discutia, por exemplo, com Carlos de Laet ou com representantes do clero sobre a hipocrisia de alguns representantes da igreja, assim como também no olhar crítico sobre a representação da Cidade do Rio de Janeiro, tema deste artigo.

No ano em que iniciou sua colaboração em *O Paiz* (1905), a autora aceitou o desafio de ser uma “pena feminina” – como ela mesma se apresentou diversas vezes – a conquistar um público leitor diversificado pelo gênero e pelas classes sociais, ou seja, ela não se dirige apenas a um público burguês, feminino e ativo socialmente, mas, com certa frequência, descreve vivências suburbanas ressaltando as injustiças sociais, defende os velhos, assume posições radicais sobre temas polêmicos como o direito da mulher ao divórcio, a violência urbana, o desrespeito à mulher e o uso indiscriminado dos frívolos cartões postais.

Para Vasconcellos (1988, p.12), “suas crônicas podem ser vistas como documentos de uma época, onde ela fixa imagens do cotidiano, expõe suas ideias e defende opiniões”. São essas imagens, a que se refere Vasconcellos (1988), que nos interessam neste estudo, pois Carmen Dolores escreveu, em 1905, sobre bem mais do que as transformações estruturais da cidade. Ela falou, sobretudo, de pessoas, de vivências de homens, de mulheres, de crianças e de velhos em uma cidade em transformação, bem como dos contrastes que se estabeleceram entre a vida urbana e a suburbana, a Grande Avenida e a ruas do subúrbio da capital brasileira, em plena modernidade, em plena *Belle Époque*.

Para melhor compreender essas imagens da capital brasileira, presentes nas crônicas da escritora, voltemos nosso olhar para o contexto da *Belle Époque* brasileira.

## **2. A vida social e cultural no Rio de Janeiro durante a *Belle Époque***

A proclamação da República provocou mudanças não só no cenário político, mas também na economia brasileira, que crescia com o advento do café e da borracha, e nas elites brasileiras, principalmente as da capital – Rio de Janeiro –, que mais e mais viam na cultura europeia os modelos de modernidade que desejavam aplicar no Brasil. Grandes exposições realizadas em Paris na segunda metade do século XIX atraíram os olhares também dos brasileiros, e esses não tardaram a importar o estilo de vida da *belle époque*, ou seja, o estado de espírito que predominava em Paris. Ela era o retrato da alegria de viver, do gosto pelo conforto, da busca do prazer na beleza e de exaltação dos sentidos, com influência direta nas artes plásticas, na literatura e na arquitetura, assim como na moda, nos hábitos e nos costumes. A moda masculina e o hábito do chá *Five O’Clock*, por sua vez, foram importados da Inglaterra.

Dessa forma, a vida literária dos intelectuais dos primeiros anos de 1900 até as primeiras vozes do modernismo é resultado de uma intensa movimentação social e intelectual, acrescida ao projeto de modernização da Cidade do Rio de Janeiro, implementada pelo Prefeito Pereira Passos e pelo projeto de extermínio dos males tropicais de Oswaldo Cruz. A cidade, antes infectada por doenças provenientes da falta de salubridade, no geral infectocontagiosas ou transmitidas por insetos que se proliferavam na imundície da cidade (como a malária, febre amarela e varíola), agora estava sendo saneada e modernizada. Limpar a cidade para eliminar as doenças foi uma das alegações para convencer a todos da necessidade da grande reforma. Essa reforma, resultante do rápido crescimento urbano do Rio de Janeiro nas últimas décadas do

século XIX, recebeu o apoio do Governo Rodrigues Alves (1902-1906) e culminou nessa radical transformação na fisionomia de algumas regiões urbanas. *O slogan* lançado por Figueiredo Pimentel na sua coluna mundana, “O Rio Civiliza-se”, sintetiza o sentimento de realização da utopia então prevalecente. No “Bota-abaixo”, como ficou conhecida a reestruturação urbana, demoliram-se cortiços e tudo o que estivesse no caminho do novo traçado. Consequentemente, os subúrbios foram sendo ocupados sem nenhuma infraestrutura e a divisão de classes sociais antagônicas ficou marcada também na estrutura da cidade, além de na desigualdade econômica e nos hábitos e costumes.

A elite da capital brasileira, incluindo os literatos e jornalistas, assumiu um modo de vida baseado na “mundanidade”, que pode ser entendido como um panorama repleto de acontecimentos sociais, fofocas, intrigas, “disse-me-disses”, modas, etc.

Nesse período em que Carmen Dolores atuou em *O Paiz*, a vida social e a vida literária estavam hibridizadas de tal maneira com todas as outras mudanças na capital brasileira que era preciso acompanhar o ritmo turbulento da nova cidade, agora com automóveis circulando pelas ruas calçadas, com a chegada dos cinematógrafos, com muitas festas de inaugurações. Nos cafés e nos salões sofisticados, frequentemente estavam os intelectuais, e lá despontava a “boêmia dourada”, formada, principalmente, por João do Rio, Coelho Neto, Aluísio Azevedo, Olavo Bilac, José do Patrocínio, Luiz Edmundo, entre outros (BROCA, 2003).

Curiosamente, são raras as informações encontradas até o momento sobre a forma de participação de Carmen Dolores nos círculos sociais, uma vez que nossa pesquisa está em andamento. Há algumas referências à participação nas festas e nos salões, tão em voga nessa época; já sua presença nas conferências literárias, concertos de música e teatros era registrada por outros cronistas com frequência. Seus passeios pelas ruas do Rio de Janeiro também eram frequentes, certamente seguindo os novos hábitos da cidade: nas novas calçadas, senhoras e jovens passeavam a pé desfilando suas *toilettes*, enquanto rapazes e homens elegantes bebericavam e conversam. Mesmo não podendo participar da “boêmia dourada”, pela sua condição de mulher, de senhora da sociedade, suas crônicas descrevem e narram a vida cotidiana da Cidade do Rio de Janeiro com maestria.

### 3. O gênero “menor” e o talento de Carmen Dolores

Nas crônicas, textos híbridos que normalmente se situam entre o jornalístico e o literário, descrever e narrar a vida dos centros urbanos é comum em vários autores contemporâneos de Carmen Dolores - como em João do Rio, Júlia Lopes de Almeida e Olavo Bilac - os quais também criaram imagens dessas mesmas transformações da Cidade do Rio de Janeiro. Cabe ressaltar, no entanto, que cada qual foi movido pelo seu público leitor, pela tipologia do veículo de comunicação, além de ocupar um *locus* de enunciação que evidencia sua perspectiva e experiência dos eventos.

Mesmo sendo considerado um “gênero menor”, conforme afirmou Antonio Cândido (1992, p. 13), e, normalmente, sendo redigida de forma livre e pessoal, o que não implica um texto medíocre, a crônica exige um sujeito comprometido que saiba tratar os temas com certo “ar de descompromisso”, de forma ligeira e atraente para o público leitor. Concordando com Bender (1993 p. 28), “[...] é o talento do autor que vai dar estatura maior a um gênero comumente considerado um modo menor de ficção”. Se, por um lado, o cronista moderno podia escrever sem a preocupação de informar, noticiar e registrar o que deve permanecer, por outro lado, tinha a tarefa difícil de fidelizar o leitor/assinante do jornal e, para isso, tinha que construir “um nome”, um

estilo próprio, além de se valer de recursos como assuntos que interessam ao leitor baseados em fatos reais que ele conhece; conversas com o leitor, oferecendo “sua acepção dos acontecimentos que o noticiário difundiu sem emoção”, constituindo “um elo de aproximação entre o cronista e o leitor” (LOPEZ, 1992, p. 168).

Carmen Dolores soube construir seu nome literário, conquistou seu espaço na grande imprensa dialogando com nomes masculinos, fidelizou leitores com seu estilo irreverente, irônico e ousado, chegou a ter certo reconhecimento do seu talento por parte da crítica impressionista produzida por cronistas homens e divulgado na imprensa da época. Mesmo tendo seu talento caracterizado como “másculo”, os preconceitos de gênero que envolviam a produção jornalística e literária de mulheres nesse período não lhe permitiram o acesso à Academia Brasileira de Letras, fundada em 1897, bem como resultaram em um silenciamento político por parte da crítica canônica. Isso nos parece suficiente para resgatar sua obra publicada somente em periódicos e analisá-la criticamente de modo a dar-lhe um justo lugar nos estudos literários brasileiros, antes que os periódicos arquivados na Biblioteca Nacional se deterioresem por completo, impossibilitando, inclusive, a sua digitalização.

#### 4. A representação da cidade e do subúrbio nas crônicas

Benjamim (1985, p. 205) escreveu que “os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica”. Os posicionamentos de Carmen Dolores diante da realidade contraditória, às vezes, foram resultado das suas reflexões sobre as notícias lidas no jornal, outras vezes eram relatos das suas experiências, outras ainda eram fundados em diálogos já estabelecidos, como observamos a seguir:

Tive eu a ventura de conversar um destes dias com certa senhora de muito espírito e tina ilustração, já idosa, sagaz observadora de fatos passados e presentes – e dela ouvi palavras de uma estranheza igual a minha acerca da mal velada hostilidade que divide a sociedade brasileira em grupos antagonicos, os quais se combatem e se desdenham por todos os modos. Aquele dos grupos que reúne maior número de sufrágios pela fortuna e pelas relações devidas a essa fortuna, é o que assume a feição acentuadamente *snob* [...] e de onde parte o sinal do apreço ou menos preço que deve ser dispensado aos centros menos favorecidos. (DOLORES, 1905a, p. 1)

A consciência de divisão de classes antagonicas aparece em várias crônicas em que ela descreve, de uma perspectiva naturalista, a crueza dos combates, a hipocrisia e a hostilidade entre eles. Para tanto, a autora vai muito além da sua biblioteca amplamente citada nas crônicas e insere-se na realidade urbana e suburbana do Rio de Janeiro para descrever a vivência (*Erlebnis* de Benjamim) das massas na metrópole moderna brasileira. Com todos os seus sentidos sempre atentos, ora a autora passeia pelas ruas urbanas, ora por lugares onde as classes antagonicas se desdenham e se agridem, ora está de passagem pelo subúrbio nos modernos bondes, como veremos nos trechos que seguem. Ao descrever essas vivências, com precisão de detalhes, assume um tom coloquial de conversa com o leitor, normalmente permeado de interjeições e reticências, com um toque poético de humor e/ou de ironia, como no trocadilho “apreço” e “preço”, usado no fragmento anterior.

Carmen Dolores mergulha na multidão que transita na Rua do Ouvidor, nos salões, nas conferências literárias tão em voga naquela época, nas festas da sociedade

burguesa e, em novembro daquele ano, na festa de inauguração da Grande Avenida, que foi o epicentro de um verdadeiro terremoto já apontado por ela em julho de 1905:

Será terremoto?... Será fenômeno nervoso da terra carioca que está vibrando ao contato das elétricas mãos do prefeito?

Ah! Não!... É a estação *qui bat son plein* e imprime a toda a cidade um vivo frêmito de prazer. É o inverno aristocrático que arremeda Petrópolis, que finge até as suas brumas, as suas chuvas, o seu arzinho picante e fino, e dá febre, e dá apetite de coisas alegres, vontade de valsar, de cantar, de bater palmas, de ir aos teatros, de aplaudir o Coquelin ou de discutir-lhe os méritos. É tudo isto misturado que comunica neste momento à nossa capital não sei que trepidação generalizada, sacudindo até as camadas inferiores do solo. (Confessemos que estas andam agora mais à mostra que as superiores.) E quem passa à noite pelas imediações do Lyrico<sup>3</sup>, que atualmente é dramático, é clássico, é foco de intenso gozo intelectual, aprecia o espetáculo pitoresco das chegadas ao teatro, das cintilantes luzes, do agitado burburinho dos grupos, da parada dos bondes de luxo, despejando gente encapotada e grave, com ares de felicidade concentrada, e dos carros luzidios, cuja portinhola se abre e fecha com um estalido seco, impertinente e crispante para a galeria, deixando fugir lindas capas alvadias, pés frementes e bem calçados, estonteantes aromas, leves mantilhas de renda, que, um segundo, brilham à claridade forte do peristilo e logo desaparecem, somem-se no interior do festivo recinto. (DOLORES, 1905e, p. 1)

Na agitação da vida moderna, tanto a embriaguez dos sujeitos quanto a trepidação que deixa, literalmente, expostas as “camadas inferiores da terra”, como disse a autora, parecem deixar também a cronista estonteante de prazer, com vontade de expandir sua alegria de poder vivenciar esse momento em que até o clima do inverno é propício para o gozo. O trecho resume diversos aspectos da modernidade: são mãos humanas desejosas de progresso e inovação que provocam mudanças estruturais na cidade; o “inverno aristocrático que arremeda Petrópolis” é o rastro da tradição que se mantém; a referência ao teatro, tão cultivado pela elite carioca, nos remete ao trabalho de citação frequentemente usado pela autora nas suas crônicas como forma de compreensão da vida moderna pelo viés da literatura; além disso, os bondes e carros, que gradativamente aumentavam de número nas ruas da cidade, são as máquinas que começam a ditar a vida das pessoas em seus mais diversos âmbitos nos novos tempos modernos. Todas essas imagens reaparecem, sem se repetir, nas 48 crônicas publicadas por Carmen Dolores, no *O Paiz*, em 1905.

Neste outro trecho, a cronista observa a multidão inebriada, a moderna vestimenta e as máquinas que tomam conta das ruas:

Carros de praça transportavam convidados, lado a lado com luxuosas carruagens particulares ou de cocheira. Dos próprios bondes desciam famílias inteiras em *toilettes* de gala, que se misturavam, no luminoso vestibulo do Cassino, a outras chegadas mais aristocraticamente. E lá em cima, nos salões, como tinham transbordado os convites, funcionavam alegremente vários gêneros de convidados, vestidos de rica seda roçando vestidos de *pongenelle* ou cassa, velhas casacas, na sua honesta lealdade dos tempos imperiais, que já lá vão! Niveladas às modernas casacas, último grito, marca Club dos Diários, de Petrópolis, e luvas de imaculada alvura estreitando em fraternais

---

<sup>3</sup> Lyrico foi o nome dado ao antigo Imperial Teatro Dom Pedro II, inaugurado no dia 19 de fevereiro de 1871, após a proclamação da República. Situava-se na base do Morro de Santo Antônio, na esquina da Rua da Guarda Velha (depois Treze de Março) com a Rua Senador Dantas (esquina mais tarde conhecida como Tabuleiro da Baiana). Foi demolido em abril de 1934.

*shake-hands* outras mais baças, purificadas com o engenhoso auxílio do miolo de pão [...] (DOLORES, 1905h, p. 1)

A cena nos faz lembrar a análise que Benjamin (1989, p. 55) faz de Baudelaire, ao falar sobre as ruas de Paris:

Na atitude de quem sente prazer assim, deixava que o espetáculo da multidão agisse sobre ele. Contudo, o fascínio mais profundo desse espetáculo consistia em não desviá-lo, apesar da ebriedade em que o colocava, da terrível realidade social. Ele se mantinha consciente mas da maneira pela qual os inebriados “ainda” permanecem conscientes das circunstâncias reais.

De forma semelhante, Carmen Dolores, na sutileza de suas descrições, não perde a consciência das “circunstâncias reais” em que ela se insere, que ela vivencia, e não deixa de se referir às diferenças sociais sempre captadas por seu olho político, o qual percebe “os vários gêneros de convidados” do evento social. Ela faz do choque da percepção a sua experiência poética.

Entre as máquinas que tomam conta das ruas, o bonde elétrico é outro ícone do progresso, assim como os carros movidos a petróleo, os quais chegam devagar desde que José do Patrocínio trouxe o primeiro para o Brasil em 1901. Em 1905, eles ainda são motivo de curiosidade de muitos e constatação da diferença social e econômica para outros, como podemos ver em outro trecho, que, apesar de longo, vale a pena ser lido tal como a autora o escreve:

Na rua, negrejam as carruagens vazias, que se vão postar em paciente fila num determinado ponto. O que, porém, diverte o povo, atrai e prende a atenção dos passageiros dos bondes circulantes é a manobra de alguns automóveis ricos, que fizeram este ano a sua estreia, à porta do teatro reluzentes, negros, habilmente dirigidos pelo respectivo *chauffeur*, e cujo *tenf-tenf* ruidoso espalha no local uma nota de novidade, de *chic*, de alto requinte de civilização, de vida farta e elegante.

Tão banais, enfim, no estrangeiro, ainda consegue impor-se aqui a curiosidade popular; e são dignos de observação os comentários cruzados em torno dos novos veículos. [...]

Logo adiante, duas mocinhas assistiam a chegada de outro *tenf-tenf*, vestidas de cassa, um chalezito de lã cor de rosa ao pescoço, uma face emaciada e triste. Uma velha mãe pasmava para o espetáculo, com o passivo desprendimento pessoal da idade; mas as duas filhas trocavam impressões, e o olhar com que ambas seguiram os vultos envolvidos em agasalhos de preço, que se apearam do automóvel, era lento, lento, profundo, escuro, carregado de uma dor e de uma melancolia intraduzíveis.

Tanto para uns e tão pouco para outros, hein, Maria? Resumiu uma delas, suspirando. [...]

No entanto, o teatro todo resplandecia; sons de orquestra fulgiam, triunfantes, misturando-se aos gritos dos cocheiros e dos cambistas, aos *tenf-tenf* dos automóveis, ao murmúrio dos populares; uma rumorosa alegria, enfim pairava no ar aquecido pelas luzes. [...]

Eu, contudo, ao passar, o que lia nessa deslumbrante zona de claridade, eram estas duras palavras dissonantes: *desigualdade*, *sofrimento*...

Elas destacavam-se satanicamente em grandes letras fosforescentes sobre a massa negrejante dos curiosos gozando o seu bilhete de sereno – pão seco mastigado à porta rutilante do festim reservado aos privilegiados da sorte; e o rude socialismo dos desamparados parecia-me explicável, a revolta dos vencidos da vida parecia-me lógica... [...] (DOLORES, 1905e, p. 1)



As diferentes posturas não estão marcadas somente na desigualdade econômica, mas também na consciência da classe social a que pertencem. Cada grupo é levado a agir de acordo com seus próprios interesses, o que também nos remete a Benjamin (1989, p. 54), ao comentar “o isolamento insensível de cada indivíduo em seus interesses privados” e repensar a cena a partir dos questionamentos que Engels fez ao falar sobre as ruas de Londres:

Essas centenas de milhares de pessoas de todas as classes e situações, que se empurram umas às outras, não são todas seres humanos com as mesmas qualidades e aptidões e com o mesmo interesse de serem felizes?... E, no entanto, passam correndo uns pelos outros, como se não tivessem absolutamente nada em comum, nada a ver uns com os outros; e, no entanto, o único acordo tácito entre eles é o de que cada um conserve o lado da calçada à sua direita, para que ambas as correntes da multidão, de sentidos opostos, não se detenham mutuamente; e, no entanto, não ocorre a ninguém conceder ao outro um olhar sequer. (BENJAMIN, 1989, p. 54)

Não só a leitura da desigualdade, das diferenças sociais e econômicas ressalta na narrativa, mas também outra questão cara à modernidade, discutida por Benjamim (1989): a força do trabalho como mercadoria. O *chauffeur* que habilmente dirige o automóvel, bem como os cocheiros, os quais se vão postar em fila de espera pelo fim do evento, são os trabalhadores da cena, também expostos “ao rude socialismo dos desamparados” como as duas moças “vestidas de caça” que comentam a diferença que lhes afeta.

A “mistura de classes”, enquanto sonho utópico da moderna sociedade republicana e democrática, é mais de uma vez observada pela cronista em diferentes eventos festivos:

[...] abro o lugar de honra aos sucessos da semana com o baile oferecido ao ministro do interior, cujo esplendor, parece, deixou um sulco de luz em muitas almas, ainda hoje frementes à recordação de tanta coisa magnífica radiosa e estonteante.

Um baile! Que mundo de emoções nesta única e velha palavra!... Um baile!...

[...]

O baile desta semana teve o caráter que mais deve convir à época atual: o da democracia e da igualdade. A par de todo o brilhantismo que presidia à festa, dando-lhe extraordinário realce, havia a mais absoluta mistura de classes, realizando-se assim essa fraternidade que faz o doce sonho dos utopistas. (DOLORES, 1905h, p. 1)

Entretanto, para além dos bailes e eventos sociais organizados para divertir a sociedade burguesa, é nas várias festas de inauguração, promovidas pelo poder público, que a convivência das classes e seus contrastes se manifesta:

Correu esta semana em festas, festas e mais festas – a do Passeio Público, a do Jardim Botânico, excursões de congressistas, discursos, *lunchs*, *champagne* a fartar e *foie-grass* a enfartar, *toilettes* claros de senhoras rebrilhando em toda a parte com alegres tons de gala, a meninada alvoroçada [...] ganhando prêmios e bonecas, montando o mais lindo dos pequirás, ajazado e glorioso, circulando em carros liliputianos por entre a dourada grama – em suma, toda a escala dos regozijos e das diversões mais variadas. (DOLORES, 1905g, p. 1)

Porém, além do intenso movimento da multidão, que prestigia essas festas mundanas de inaugurações, a cronista aponta, como “nota dissonante”, para os

problemas provocados pelo crescimento vertiginoso da moderna cidade carioca, os quais são vivenciados por essa multidão de transeuntes:

[...] os bondes da linha Jardim Botânico, insuficientes e morosos, que nunca satisfizeram o público nesses dias de movimento.

Transportavam-se caravanas de gente pelas ruas do Largo da Carioca ao Catete, suando, resfolegando, cobertos todos da suave poeira que forma hoje o nosso habitual ambiente, mas aquilo que toda essa exausta gente buscava, assim errante e com os pés em brasa – aquilo, que era um elétrico vazio, nunca aparecia. Tomados de assalto, os comboios que transitavam em pequeno número, jamais chegavam para dar lugar a esse aumento de passageiros.

Os extraordinários foram servidos em dose homeopática, demorado o serviço, inconveniente o horário, que nunca foi modificado ou apressado em favor do transporte excepcional desses dias. Em resumo, um serviço péssimo e cuja única vantagem foi apresentar num estupendo relevo a coragem do nosso povo quando se quer divertir. (DOLORES, 1905g, p. 1)

As transformações estruturais da cidade, causando esse “habitual ambiente” literalmente empoeirado das ruas urbanas, também afetaram os hábitos e costumes da população. Antes da inauguração da Grande Avenida, em 15 de novembro de 1905, todo o prestígio de ser o lugar de encontros sociais era da estreita Rua do Ouvidor, onde a burguesia carioca flanava e exibia, em sua elegância e bom gosto, os figurinos copiados dos franceses, assim como os urbanistas tentavam copiar a estrutura das ruas de Paris na nova paisagem das ruas do Rio de Janeiro.

Em março de 1904, as primeiras casas condenadas, para dar lugar às largas calçadas da grande avenida, foram abaixo. Um ano depois, Carmen Dolores lembra a continuidade dessa obra considerada o foco central dessa enorme transformação urbana: “A grande avenida continua a preparar-se para embasbacar o estrangeiro” (DOLORES, 1905b, p. 1).

O clima de modernização do Rio de Janeiro, que, nesta crônica, aparece como rápida lembrança, é tema de várias outras crônicas deste mesmo ano e mostra o movimento de bota abaixo que tumultuou a vida dos pobres do Rio e fez os subúrbios emergirem abruptamente.

Como afirma Scherer (2012, p. 13), a reforma iniciada pelo Prefeito Pereira Passos, em 1904, transformou a “cidade acanhada, de ruas estreitas e casas insalubres, apertadas entre os morros do Castelo, Santo Antonio, São Bento e Conceição [...]”. Essa “[...] não tinha água nem iluminação a gás suficiente e suas ruas eram mal pavimentadas”. Com o refrão costumeiramente repetido, “O Rio civiliza-se”, a estrutura da “[...] cidade perdia seu acanhamento, sua placenta lusitana e pelejava para alcançar um estatuto mais alto. Se não cosmopolita, pelo menos, urbano, despindo-se, pois, do traçado colonial”.

Pereira Passos ficou conhecido como “o prefeito do bota abaixo” no seu polêmico trabalho de modernização da cidade. Carmen Dolores, com um tom de ironia, o compara ao “[...] príncipe enamorado de uma fera, de quem só recebia unhas e maus tratos” do conto de Hamilton (DOLORES, 1905k, p. 1). A cidade fera não lhe foi dócil, ferindo-o muitas vezes, como nos desastres resultantes das demolições. As festas que se sobrepõem a elas são

[...] o único meio de evitarmos a incurável, a infinita tristeza que nos traria uma demorada contemplação dos múltiplos e descontraídos aspectos a que me refiro. E eis porque, após o medonho desastre daquela casa esmagando uma mãe e seu filho, todas as vistas se voltam sofregamente para uma batalha

de flores, cujo perfume embriagante e consolador dominará com seus eflúvios festivos os últimos vestígios desse cheiro de tragédia que ficou no ar da cidade [...] (DOLORES, 1905i, p. 1)

As feridas ainda cheirando à tragédia que vitimou mãe e filho são encobertas por flores perfumadas, a dor e a tristeza, pela festa e alegria. A multidão embriagada pelas novidades que circulam com uma rapidez cada vez maior nessa modernidade não tem tempo de contemplar, ou seja, apenas vivencia a turbulência dos acontecimentos que se sobrepõem. Mas a cronista encontra tempo para a contemplação dos “desencontrados aspectos” e transforma o vivido, o observado, em experiência poética por meio da crônica, na qual reforça toda espécie de contraste que a modernização da cidade trouxe à tona:

Depois da chuva, o sol; depois da morte, a festa. Ainda se escancara aos olhos terrificados dos transeuntes o bojo do prédio desmoronado da rua Primeiro de Março, e já o corpo de Sant’Anna se enfeita garridamente para receber toda uma multidão ávida de alegria, sedenta de espetáculos felizes, de movimento, de luz, de música, de flores, que o encherá rumorosamente domingo. [...] É a segunda festa dessa natureza que oferece o prefeito aos moradores do Rio. (DOLORES, 1905i, p. 1)

A cidade fera não se apresenta apenas pelos desastres físicos que fazem sangrar, como as unhas da fera que rasga a pele do príncipe, mas também os sujeitos que fazem existir essa vida urbana podem reagir aos esforços do prefeito em agradá-los com festas de inauguração de espaços públicos construídos para sua diversão:

[...] embora magnífica no seu conjunto, mesmo porque aquele parque tem demasia de beleza para regatear moldura e realce a qualquer divertimento efetuado entre as suas gramas de luxo e os seus lagos de cristal – a primeira [festa] foi triste. Reinava não sei que opressão de tédio, sob um sol inclemente, entre a gente ali aglomerada entre trajes claros e alegres. As arquibancadas queimavam. O mundo oficial bocejava. E os carros floridos, peçados de crisântemos, de lírios, de parasitas e de rosas, que circulavam sob a mais ardente pulverização de luz, ao triunfal trinado dos passarinhos excitados pelo calor entre os musgos dourados das áleas, calcados pelos lindos pés das expectadoras elegantes e curiosas, os carros obedeciam ao seu programa com um lento, invisível fastio, sem o mínimo entusiasmo. [...] houve calor do sol, mas não houve calor de alegria, houve gente, mas essa gente se olhava, não ria, não falava, não trocava impressões – suava apenas e enxugava o suor. (DOLORES, 1905i, p. 1)

Além disso, a cidade fera se entristece nessa atmosfera asfíxiante, o príncipe, de balde seus esforços, não consegue agradá-la: “Rio de Janeiro, submerso tristemente sob as demolidoras vagas desse horrível pó que forma a sua atual atmosfera, que o asfixia, e que o tortura, e que o mata... [...]” (DOLORES, 1905i, p. 1).

Até a gloriosa inauguração da grande avenida, no dia do aniversário da Proclamação da República, concebida como “o triunfo da civilização e do progresso”, se dá “em meio a uma enxurrada” (DOLORES, 1905k, p. 1). A cronista descreve o tumulto, o movimento, o rumor das ruas ruins, em meio ao calor e às tempestades desastrosas e medonhas de janeiro na grande metrópole do Rio de Janeiro.

A rua é sempre o lugar perfeito para a cronista apreender a essência da cidade, os seus paradoxos, as suas vivências, bem como a experiências dos sujeitos que nela se movimentam. Para ela, não importa se o objeto de análise se traduz como as “ruas ruins”, a miséria, a violência e o sofrimento, ou, por outro lado, como o *glamour* da Rua

do Ouvidor, dos salões, dos bailes e as futilidades dos mais abastados. Todos esses cenários compõem a cidade e, portanto, cabem na crônica.

Mesmo que o destino dos moradores dos prédios demolidos para dar espaço à nova malha viária, o que se tornou uma questão social séria, pouco foi comentado pela cronista diretamente, os sujeitos periféricos foram descritos por ela em várias crônicas. Eles tanto ocupam espaços urbanos, “incomodando” os mais favorecidos, quanto a periferia da moderna cidade, o subúrbio, que causa sentimentos repugnantes à cronista. Começemos pelos sujeitos periféricos perambulando pelos espaços urbanos.

Carmen Dolores narra vivências das pessoas nas praças e parques, onde as classes se confrontam, mas não se misturam. Vale-se de fatos “verídicos, autênticos”, como ela mesma diz, para opinar sobre a indelicadeza dos costumes cariocas que estão se tornando triviais. São acontecimentos que se repetem de muitas formas, a qualquer hora e em qualquer parte. Narra o caso de uma “senhora estrangeira, aqui recém-chegada, [que] passou de bonde pelo campo Sant’Ana, viu aquele grande e formoso jardim ali verdejando, apeou-se logo, encantada, e entrou” (DOLORES, 1905d, p. 1). Essa senhora, caminhando encantada pela beleza natural do lugar, acaba sendo seguida por um homem periférico, marcado assim não só pela vestimenta, pelo seu mau cheiro, mas pela sua falta de educação e pelas atitudes de vadiagem e assédio moral a essa senhora. Usando a narrativa como mote, a cronista generaliza a situação vivencial em que as diferenças, os contrastes de toda ordem se defrontam e denuncia a “praga dos audaciosos”:

A senhora que aguarda o seu bonde, ou que vai a compras, ou trata da sua vida, ou espera à porta de uma loja o seu marido ou o seu irmão, é logo sitiada por uma porção de vadios e de idiotas, que lhe atiram cumprimentos impertinentes e por vezes injuriosos, que a seguem, que a mortificam, que a insultam. Não se trata de uma admiração lisonjeira. É o convite bestial e insolente, a graça pesada, a caça pelas ruas e o serviço da insolência, ferindo as senhoras nos seus mais suscetíveis e nobres melindres. Assim, pois, não bastam as ruas descalçadas, os buracos, as demolições, as nuvens de pó, asfixiante, os estrepitosos caminhões, o calor, a soalheira e os cocheiros de bondes: temos ainda de aturar a praga dos audaciosos!...

Deveras, é muito flagelo junto. E para que parques e jardins, se os não podemos frequentar? O parque do campo de Sant’Ana é o que todo o mundo sabe; o Passeio Público só é possível à noite, cada família bem garantida pelo seu respectivo chefe e conservando-se as moças bem carrancudas no seu banco. Ao menor indício de juvenil garrulice, cuidado! Que o pessoal bolineiro avança. O largo do Rocio representa um foco de peste bubônica... [...] (DOLORES, 1905d, p. 1)

As praças, os passeios públicos, locais que são descritos pela cronista de modo que se pode observar o movimento das pessoas, são frequentados por seres de todos os tipos, que se defrontam, que se olham pelas diferenças aparentes e tomam consciência dos outros pela imposição da presença, assim como tomam consciência de si próprios. A “senhora estrangeira” não foge só por ser mulher ou por ser estrangeira, mas por ostentar um poder econômico e social que o homem (vadio e idiota) não tem.

Ainda relacionado a esse aspecto que a narrativa permite levantar, a questão do espaço da modernidade e os sujeitos que os ocupam, ao descrevê-los, metonimicamente, Carmen Dolores deixa ver que essas ruas do Rio de Janeiro já não são mais calmas como eram em outros tempos; as pessoas passam de um lado para outro, em movimento permanente, imersas em seus afazeres, formando um coletivo que habita as ruas. Ela, em sua *flanerie*, observa esse movimento permanente das ruas, insere-se na multidão, anda nos bondes, depois volta para o abrigo de suas quatro paredes e inventa a crônica.

Como diz Benjamin (1989, p. 194), em *O Flâneur*: “As ruas são a morada do coletivo. O coletivo é um ser eternamente inquieto, eternamente agitado, que, entre os muros dos prédios, vive, experimenta, reconhece e inventa tanto quanto os indivíduos ao abrigo de suas quatro paredes”. As ruas e as vivências do coletivo são a fonte na qual a cronista bebe.

Para abrigar esse coletivo desigual que habita as ruas, os governantes da cidade e os urbanistas se preocupam com a *urbe* – enquanto conjunto de atos que criam um agrupamento de construções – e procuram regular o seu funcionamento. Já para sociólogos, a urbanização deve ser caracterizada pela migração de pessoas da área urbana para a suburbana em função da demolição dos prédios para construção das grandes avenidas. E para falar da modernização da Cidade do Rio de Janeiro e do coletivo inquieto e agitado das ruas, enquanto representação jornalística e literária, não há como desvencilhar uma perspectiva da outra.

Porém, é a perspectiva sociológica que predomina nas imagens criadas pela cronista ao descrever os espaços do subúrbio. Ela narra sua própria experiência nas ruas do subúrbio, enquanto viaja em um bonde que atravessa o bairro de Itaperú e sofre o efeito narcotizante que as pessoas comuns, sobretudo pelos estropiados da vida, conseguem exercer sobre os poetas, os quais, então, decifram nos rostos e nos corpos os sofrimentos silenciosamente suportados.

[...] cada bairro da cidade tem a sua fisionomia especial, bem viva, o seu ar próprio, um tom que é exclusivamente seu e nunca de nenhum outro... [...] Tenho visto ruas feias, ruas mal calçadas, pobres, sinistras, antipáticas, mas em tempo algum encontrei uma mais feia, nem mais pobre, mais sinistra e antipática, do que essa de Itapirú, que percorri toda, de uma a outra extremidade, e sob um sol mormacento e implacável, calcinante, atroz, que não deixava dissimular-se num pouco de sombra, servindo de véu à crua realidade, uma única degradação da medonha paisagem, e expunha-as bem a nu, no mais cruel realce, como chagas à luz [...] (DOLORES, 1905j, p. 1)

Como observadora atenta à realidade circundante, a cronista exerce seu papel de jornalista ao buscar a informação *in loco*, percorrendo ruas de uma extremidade à outra. No seu discurso, há uma espécie de denúncia implícita, pelo modo como se refere à extrema pobreza, ao descaso das autoridades públicas para com periferia das cidades (ruas feias, mal calçadas, sinistras), às situações as quais os suburbanos estão sujeitos. Porém, sua narrativa assume o discurso de prosa ficcional, pois a intensa adjetivação possibilita ao leitor viajar com ela por essa rua, ver a paisagem degradada, sentir o calor implacável e, ao mesmo tempo, a melancolia, a desesperança daqueles seres inseridos na “crua realidade”. Além disso, ela não dispensa a ironia discursiva, nem o humor, ao dizer que ainda é necessário pagar para ir até esse lugar periférico onde a vida lhe parece infernal:

Mas que viagem! Era uma visão dantesca, sob um hálito de fomalha; visão de melancolia, de desesperança e de depressão vital.  
[...] quem quiser fazer uma excursão ao inferno por duzentos réis, tome o bonde de Itaperú. (DOLORES, 1905j, p. 1)

Com força poética, ela vai pincelando quadros vivos, com cor, cheiro, calor, luz e sombra, que representam com fidelidade esse ambiente degradado, varandas arruinadas, parapeito de grades desconjuntadas, colchões rotos, cobertas esfarrapadas, interiores de casas asquerosos escancarados para vias públicas, resultando em uma “visão dantesca”, como ela mesma escreve:

Aquí, um miserável antro em cima de uma oscilante varanda em plena ruína, escancarando para a via pública o seu interior asqueroso, de um realismo a Rembrandt, onde homens sórdidos e incléricos coziavam as pernas encruzadas ao lado de mulheres descabeladas, suadas, de braços nus, torcendo roupas em tinas de barrela.

Ali, num parapeito de grades desconjuntadas, colchões rotos secavam ao sol, fraternizando com umas cobertas esfarrapadas, enquanto, na calçada, crianças macilentas e marcadas pelo impaludismo crônico, brincavam molemente, entre galinhas fastientas. [...]

Os próprios cães arrastavam-se entorpecidos naquele ambiente malsão. E das casas mais abastadas, de janelinhas estreitas, à moda antiga, abrindo para jardins mirrados, vozes partiam, preguiçosas, lentas, interpelando o condutor do bonde, que respondia igualmente preguiçoso, bocejando. Se entregara a carta? Sim... A quem?

E nesse ponto uma cabeça feminina surgia à porta, pálida, murcha e desgrenhada (para que apuros de *toilette* em semelhante estagnação?) mas interrogativa. [...]

Para que cerimônias e etiquetas naquela rua, que abre um parênteses na cidade alegre? A familiaridade, de resto, é completa entre os bondes e os moradores. (DOLORES, 1905j, p. 1)

Cabe ressaltar que não é só a estrutura física do subúrbio que o torna um ambiente degradado. Também os sujeitos que ocupam aquele espaço contribuem nisso: homens sórdidos; mulheres desgrenhadas, descabeladas e murchas; crianças macilentas equiparadas aos animais das calçadas: todos estagnados na miséria, na lenta acomodação e na falta de perspectiva de outra vida. As marcas da contradição entre essa rua suburbana do Itaperú e as ruas da “cidade alegre” são apresentadas aqui com a função mesma de um parêntese, ou seja, o de explicar as consequências da mão feroz que destrói o que vê pelo caminho, caminho que leva à modernização do Rio de Janeiro de 1905. É nesse sentido que a crônica de Carmen Dolores cumpre a sua função e, como afirma Arrigucci Junior (1985, p. 44) sobre a crônica enquanto um fato moderno,

à primeira vista, como parte de um veículo como o jornal, ela parece destinada à pura contingência, mas acaba travando com esta um arriscado duelo, de que às vezes, por mérito literário intrínseco, sai vitoriosa. Não raro ela adquire assim, entre nós, a espessura de texto literário, tornando-se pela elaboração da linguagem, pela complexidade interna, pela penetração psicológica e social, pela força poética ou pelo humor, uma forma de conhecimento de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história.

Por um lado, a crônica publicada semanalmente no jornal traz essa marca de denúncia, mesmo quando parece que a autora está apenas comentando fatos corriqueiros do cotidiano, e, por outro lado, pela dimensão estética, a sua narrativa, como ensina Benjamim (1985, p. 204), “conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver”, diferentemente da informação, que “só tem valor no momento em que é nova”. Carmen Dolores possibilita ao leitor atual reviver esse quadro vivo do Rio de Janeiro do seu tempo, enquanto caminha pela cidade e pelo subúrbio como o *flâneur* benjaminiano. Entretanto, ela também busca, pelo viés das notícias lidas no jornal, as informações sobre os espaços e os fatos vividos pelos sujeitos urbanos e periféricos. O uso da mídia jornal como forma de contemplar as imagens reais da cidade evidencia o papel preponderante que a imprensa tomou nessa modernização da cidade carioca. Ao comentar as informações lidas, às vezes de forma concisa, ela “imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIM, 1985, p. 205).

Mas voltemos aos sujeitos e espaços periféricos presentes nas crônicas da autora, como imagens sensoriais do subúrbio, comentando o caso do cobrador de dívidas de alugueis nos cortiços periféricos, conhecido como Seixas. Muito popular, boêmio, vagabundo, cínico e cruel, “era um animal feroz, lobo faminto que devorava os infelizes por conta dos felizes. Emprestava os dentes agudos e mordia, mordida, ferrava os caninos, lacerava, não largava a presa sem lhe levar retalhos de carne tremente e gotejando sangue vivo” (DOLORES, 1905f, p. 1). Suas formas e atitudes selvagens não apenas o desumanizam, mas representam, metonimicamente, o poder do capital que devora a carne viva dos despossuídos.

De uma feita, apresentou-se o Seixas em certa casa modesta, onde agonizava a velha chefe de família aos arrancos de uma lesão cardíaca.

Ia cobrar uma conta de alugueis atrasados, em nome do senhorio.

Uma filha da moribunda, esquelética e lacrimosa, veio referir-lhe a situação e rogar-lhe uma pequena espera. A mãe estava a morrer... Não tinham dinheiro algum... E outras pessoas da casa apareceram, suplicando, confirmando o fato...

Mas o Seixas a nada atendeu e abriu a berrar. Ou pagavam, ou saiam dali em 24 horas!

Dinheiro ou rua! E subiu as escadas batendo com os pés, perseguindo as mulheres atemorizadas, que corriam a refugiar-se nos quartos. Deste modo achou-se ele de súbito em frente à agonizante, que arquejava sobre um leito. Ela tentou balbuciar uma imploração, mas estremeceu e calou-se a voz irritada do cobrador, que renovava, aos brados a sua ordem de pagamento, ou rua; estremeceu a mísera velha! Escancarou a boca e... morreu. (DOLORES, 1905f, p. 1)

Na transformação da cidade que se queria semelhante às ruas parisienses, a população pobre das cidades, sem teto próprio, acaba por formar esse coletivo de existência desgredada que habita os cortiços, que paga pelos cubículos sujos onde vive e, quando não podem pagar, perde até o que não tem. A penúria material penaliza a todos, até mesmo os moribundos. Uma família chefiada por mulher e, neste caso, por uma “velha mulher”, naquele contexto, tinha menos possibilidade ainda de impedir o “lobo faminto” de devorá-la e depois retalhar a carne tremente de “mulheres atemorizadas” que tentavam fugir, mas, diante de tal figura repugnante, que esperanças ter para manter sua vida senão o desejo de que morra antes.

Este era o Seixas que mereceu o *reclame* de todas as folhas, ao aliviar a cidade da sua empestada pessoa.

Mas parece tão natural cobrar-se dinheiros devidos, não é?

A perseguição até [é] virtude, energia, força de caráter. E resta somente aos observadores considerarem filosoficamente que este mundo é muito engraçado, mas mesmo muito! Teatro de lucro e gozo, onde os comparsas obscuros devem sumir-se atrás dos grupos espetaculosos dos protagonistas da grande farsa da vida, vestidos de veludos remendados e faiscantes de ouropéis, mas de mão altivamente pousadas sobre os copos da espada e simbolizando a força, ou a arrogância, ou mesmo... a impudência. (DOLORES, 1905f, p. 1)

Muito mais do que expressar sua repugnância por aquela “empestada pessoa”, de comentar um fato trágico publicado em todos os jornais da semana, Carmen Dolores denuncia esse “teatro de lucro e gozo” em que a cidade se transformava.

Outra forma de contraste entre cidade e subúrbio, presente em várias de suas crônicas de 1905, é acentuada por questões climáticas, como a umidade do inverno, o calor intenso no verão, as chuvas intensas e o ressurgir do sol. Em tempos de inverno,

[...] temos por aqui os dias úmidos, encarapuçados e sombrios, cuja melancolia paira sobre o vivo e ruidoso burburinho da cidade como um crepe cinzento e desdobrado e garrido vestido de festa.

Não é, porém, inverno: é tristeza, é desolação...

Inverno não existe aqui; só existe em Petrópolis, onde, através da leve bruma, o olhar entrevê maravilhado e luminoso azul de um delicioso céu, tão puro e lindo, que a sua doçura parece até sorrir, acariciar, penetrando-nos da mais consolada impressão de conforto e alegria. [...]

Mas o falso inverno do Rio, ah! Que desbotada imitação daquelas brancas névoas de sonho! Que velha gaze suja e encardida, lançada em trapos aí por cima dos morros, sem o foro de cetim azul que brilha incomparavelmente sobre as serras lá de cima! Inverno de cidade, inverno lodoso e escuro, sem o picante aroma das flores regadas pelas chuvas e exalando seiva, ar saturado de umidade espessa que arpeia e cheira a podridão! (DOLORES, 1905f, p. 1)

A imagem repulsiva, fétida e triste da Cidade do Rio no inverno não difere da descrição da vida urbana no verão. Mas, enquanto no inverno é a natureza que parece afetar os transeuntes das ruas da cidade, em tempos de calor são os hábitos, costumes e comportamentos dos trabalhadores suburbanos que se sobressaem e causam repugnância aos que podem pagar pelo bonde e pelas essências francesas, apesar do mau cheiro do mangue ao longo da via.

Por estas tardes caniculares, esbraseadas, quando a linha das palmeiras do mangue se destaca num duro recorte de bronze sob um horizonte cor de laranja, árido e chamejante, esse aroma dos condutores dos bondes faz sentir vivamente aos passageiros o resultado de um longo, quente e penoso dia de trabalho... adejam então os lenços perfumados docemente a *aglae* como um lenitivo, mas mesmo assim há contrações de mimosos narizitos femininos e de rudes bigodes masculinos.

As mais ativas essências de *ideal* ou [...] *geannette* são ainda insuficientes contra o outro cheiro dominador – o outro, misto de tanta coisa pouco limpa – roupa, cabelo, chapéu, mãos e pés dos condutores, exalações dos mueres e natural fétido do canal do mangue, que se torna inútil querer combatê-lo.

E o verão aí vem, S. Lourenço! Para apurar ainda mais o terrível aroma a que estão condenados os passageiros dos bondes da linha de S. Christovão!... Não seria conveniente viajar sempre com um vaporizador nos bolsos?

(DOLORES, 1905g, p. 1)

Nos espaços públicos coletivos, o confronto entre as classes sociais se estabelece, com toda a sua exuberância, entre os passageiros usando seus lenços perfumados a fragrâncias francesas e os condutores dos bondes sujos e fétidos, o passeio e o trabalho, a burguesia e o proletário, o moderno bonde e o canal do mangue em plena via urbana. O incômodo maior parece ser a impossibilidade de conter os cheiros de ambas as partes que se misturam ou a condenação à aceitação desse estado de coisas opostas que se misturam e impedem os passageiros abastados de se sentirem felizes com seu *snobismo*<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> O *snobismo* é próprio de grupos de pessoas que procuram reforçar os valores que acham válidos para caracterizar a classe ou o segmento social a que pertencem. No início da República brasileira, há o *snobismo* do poder econômico, ostentado por pessoas que pertencem a famílias de industriais e comerciantes urbanos. O que as qualificam e diferenciam é só o poder aquisitivo, muitas vezes marcado no vestuário e nos lugares frequentados, que o dinheiro lhes possibilita.



Porém, em tempos chuvosos, quando aparece novamente um dia de sol, o *snobismo* próprio da *Belle Époque* volta às ruas trazendo a alegria aos privilegiados:

No Rio, sentia-se a jubilação geral no polvilhamento luminoso, enchendo a cidade toda de um sussurro de vida. A rua do Ouvidor pôs-se de gala, exibindo risos e *toilettes* femininas, frescas e alegres. E o azul lindíssimo do firmamento casava-se com o azul das almas, penetradas do prazer de existir, de palpitar, de estremecer ao frêmito das paixões humanas, desabrochando novas e vivazes à irradiação do belo astro criador, tanto tempo escondido, a se fazer de rogado... [...] (DOLORES, 1905c, p. 1)

Sob a influência dos espetáculos que se oferecem à cronista na Rua do Ouvidor, nas festas de inauguração das grandes avenidas rasgadas nas áreas nobres da cidade ou nas ruas suburbanas, Carmen Dolores concentra-se na observação com sua sensibilidade apurada, como o *flâneur* benjaminiano, e, apesar da estupefação em algumas situações dolorosas ou de extrema miséria, assim como de muito *glamour*, empenha-se no trabalho de narrar os fatos, descrever com minúcias os aspectos mais grotescos ou os mais deslumbrantes sem perder a sua individualidade, a sua personalidade e a consciência da sua função de cronista.

Entre as tantas imagens da cidade e do subúrbio que emergem da leitura de suas crônicas parece que na vida urbana tudo cabe: a alegria e a tristeza, o *snobismo* burguês e a vadiagem dos vagabundos nas praças; as festas e as tragédias; a vida farta e elegante e a miséria de outros; a audácia e a insolência dos homens e o flagelo das mulheres... Mas da periferia a cronista só nos permite ver do seu tempo o degradado, o sujo, os estropiados da vida, a tristeza, a miséria, a falta. Esse talvez seja o maior contraste que ela não comenta, mas nos permite ver.

O texto resultante do trabalho dela, assim como nos diz Arrigucci Junior (1985, p. 44) sobre a crônica,

[...] a uma só vez, parece penetrar agudamente na substância íntima de seu tempo e esquivar-se da corrosão dos anos, como se nela se pudesse sempre renovar, aos olhos de um leitor atual, um teor de verdade íntima, humana, histórica, impresso na massa passageira dos fatos esfarelado-se na direção do passado.

No resgate das crônicas de Carmen Dolores, é possível restaurar uma parcela significativa da memória e da história desta cidade, que até hoje é cantada pelas suas maravilhas urbanas e denegrada pelas agruras suburbanas. Seus textos, esteticamente trabalhados, são documentos desse momento em que se instauram os contrastes desses dois espaços complementares.

Felizes somos nós que podemos participar do milagre de voltar no tempo, de mirar imagens tão realistas pelo viés da palavra poética, nós que podemos perceber como os sentimentos humanos são iguais em todos os tempos, mas o trabalho de resgate e revalorização do que foi deixado à margem da História da Literatura é o que pode nos diferenciar.

## REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, v. 46, n. 1/4, jan./dez. 1985.

BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. *Crônica*. História, teoria e prática. São Paulo: Scipioni, 1993.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Tradução de José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_. *Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas. Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

DOLORES, Carmen [Emília Moncorvo Bandeira de Melo]. A Semana. In: *O Paiz*. ed. 7418. Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 1905a. p. 1.

\_\_\_\_\_. A Semana. In: *O Paiz*. ed. 7453. Rio de Janeiro, 5 de março de 1905b. p. 1.

\_\_\_\_\_. A Semana. In: *O Paiz*. ed. 7481. Rio de Janeiro, 2 de abril de 1905c. p. 1.

\_\_\_\_\_. A Semana. In: *O Paiz*. ed. 7572. Rio de Janeiro, 2 de julho de 1905d. p. 1.

\_\_\_\_\_. A Semana. In: *O Paiz*. ed. 7579. Rio de Janeiro, 9 de julho de 1905e. p. 1.

\_\_\_\_\_. A Semana. In: *O Paiz*. ed. 7593. Rio de Janeiro, 23 de julho de 1905f. p. 1.

\_\_\_\_\_. A Semana. In: *O Paiz*. ed. 7621. Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1905g. p. 1.

\_\_\_\_\_. A Semana. In: *O Paiz*. ed. 7628. Rio de Janeiro, 27 de agosto de 1905h. p. 1.

\_\_\_\_\_. A Semana. In: *O Paiz*. ed. 7649. Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1905i. p. 1.

\_\_\_\_\_. A Semana. In: *O Paiz*. ed. 7698. Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1905j. p. 1.

\_\_\_\_\_. A Semana. In: *O Paiz*. ed. 7712. Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1905k. p. 1.

[DUARTE, Constância Lima](#). Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos Avançados*, [online], 2003, v. 17, n. 49, p. 151-172. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142003000300010>>. Acesso em: 2 nov. 2013.

LOPEZ, Telê P. A. A crônica de Mário de Andrade: impressões que historiam. In: *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

LORETTI, Jorge F. Apresentação. In: DOLORES, Carmen [Emília Moncorvo Bandeira de Melo]. *Carmen Dolores: crônicas 1905-1910*. Organização de Eliane Vasconcellos. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1988.

SCHERER, Marta. *Imprensa e Belle Époque*: Olavo Bilac, o jornalismo e suas histórias. Palhoça: ed. Unisul, 2012.

VASCOCELLOS, Eliane. Introdução. In: DOLORES, Carmen [Emília Moncorvo Bandeira de Melo]. *Carmen Dolores*: crônicas 1905-1910. Organização de Eliane Vasconcellos. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1988.

*Recebido em: 11/09/2013*

*Aceito em: 03/12/2013*

*Publicado em: 23/12/2013*

## **RIO DE JANEIRO, IN 1905, THE CHRONICLES OF CARMEN DOLORES**

**ABSTRACT:** *Thinking about the places – city and suburbs – journalistically and fictionally represented in the chronicles of Carmen Dolores published in A Semana column at the newspaper named O Paiz, during the year of 1905, is the purpose of this article. The transformation of the city, facing modernization, and the consciousness of antagonistic classes appears in several chronicles in which she describes, from a naturalistic perspective, the rawness of the fightings, the hypocrisy and hostility between them. Because of that, the author, with her senses opened, actually fits urban and suburban Rio de Janeiro to describe the experience of the masses in the Brazilian metropolis in Belle Époque. In describing these experiences, with precise detail, she assumes a colloquial tone with the reader, usually with a touch of humor and irony. In the rescue of his chronicles, it is possible to restore a significant portion of the memory and history of this city, which is still sung for its wonderful urban and denigrated by the suburban hardships. Her texts, aesthetically designed, are documents from this moment of contrasts of these two complementary spaces.*

**KEYWORDS:** *chronicles; Carmen Dolores; city; suburbs.*